

**A LITERATURA DE FOLHETOS NORDESTINOS E A RELIGIOSIDADE
POPULAR**

**THE LITERATURE OF FLYERS NORDESTINOS AND RELIGIOSITY
POPULAR.**

Aluno: Adriano Carvalho Viana ¹

Orientador: Prof. Dr. Sidnei Ferreira de Vares



Foto 1: revista pastoral

RESUMO: A proposta deste artigo é ressaltar a literatura de folhetos nordestinos e um dos seus ciclos. A ênfase será para a religiosidade popular nordestina, através de pesquisadores e poetas que retratam esta temática, dois norteadores são evidenciados, um é Patativa do Assaré, outro Frei Francisco van der Poel, Holandês e radicado no Brasil. Evidenciar a fé do povo, seus devocionários, e suas ladainhas, como se expande a religiosidade popular nas classes simples do Brasil. O pano de fundo do trabalho é informar o leitor sobre a literatura de folhetos nordestinos e sua nobre preocupação com a cultura local, com os traços culturais, regionais de cada região e estado. Valoriza-se assim a cultura e a piedade popular do nordestino. O papel do folheto é comunicar o belo e o criativo, através do legítimo, neste caso a religiosidade popular.

PALAVRAS-CHAVE: Cordel, Folhetos Nordestinos, Religiosidade, Criatividade

¹ Formando em Filosofia, pelo Centro Universitário Assunção, atual PUC- São Paulo, Pós-Graduando em Docência no Ensino Superior pelo Instituto de Ensino Superior do Maranhão-IESMA.

INTRODUÇÃO

“*Com Deus me deito com Deus me levanto com a graça de Deus e do Divino Espírito Santo*”. Com este pregão conhecido das benzedeadas e benzedores, e que início o preâmbulo deste trabalho. Resgatar a importância da religiosidade do povo que acredita, e que tem fé, que pela oração curará todos os seus males. É manifestação religiosa, sim! É epifania do pequeno para o grande que quanto menos se tem, mas se acredita que poderá encontrar a redenção, através do simples e singelo.

A religiosidade popular é algo que nasce do povo, é como o povo se relaciona com o transcendente sem interferência institucional, é a expressão religiosa de um povo, que se faz pela transmissão de avós para netos, de pais para filhos com orações e devocionários. Perpetua a tradição e a expressão popular de fé.

Frei Francisco van der Poel², OFM, conhecido carinhosamente como frei Chico, conta que no Vale do Jequitinhonha, um padre, ao comentar a reza das benzedeadas, disse: “Essas mulheres inventam cada uma!”. Não sabia ele que a reza destas mulheres tem mais de mil anos, e que boa parte do missal em latim prescrito no Concílio Tridentino ainda não tem 500 anos.

O povo traz consigo sua piedade peculiar, seu jeito de se comunicar e se correlacionar com o universo, a natureza e o próprio grupo social. Os mais velhos antigos têm em si uma experiência que se sobrepõe aos estudos, nunca sequer tiveram acesso às carteiras escolares, mas com uma sabedoria profunda, com suas orações e rituais, transmitem sua fé com simplicidade e singularidade. Descreve Procópio:

Há um catolicismo ‘Santorial’, um catolicismo ‘erudito ou oficial’, um catolicismo dos ‘reafiliados’. Marcado pela inserção num ‘regime forte de intensidade religiosa’, (CEBs, RCC) e um emergencial catolicismo midiático. O Catolicismo santorial é uma das formas mais tradicionais de Catolicismo presente no Brasil desde o período da colonização. Tem como característica central o culto aos santos, foi esse culto que marcou a peculiar dinâmica religiosa brasileira... O catolicismo brasileiro foi durante muito tempo um catolicismo de ‘muita reza e pouca missa, muito santo e pouco padre’. (PROCÓPIO: 1999, p. 32)

² Holandês radicado no Brasil, há décadas dedica-se e está imerso na religiosidade popular. Pode ser considerado “doutor honoris causa” no tema. É autor do livro *Com Deus me deito, com Deus me levanto*, coletânea de orações populares e reflexões a respeito. Publicou em 2012 o extenso volume *Dicionário da religiosidade popular*.

Papa Francisco vem durante seu pontificado enfatizando a importância sublime da religiosidade do povo, que faz com que a fé não se perca, mesmo com a secularização da atualidade. Ele frisa que a religiosidade é uma mantenedora da piedosa crença de um povo simples e que fixa essa piedade popular. Diz o Papa Francisco (2013):

“Não convém ignorar a enorme importância que tem uma cultura marcada pela fé, porque, não obstante os seus limites, essa cultura evangelizada tem, contra os ataques do secularismo atual, muito mais recursos do que a mera soma dos crentes. Uma cultura popular evangelizada contém valores da fé e solidariedade que podem provocar o desenvolvimento de uma sociedade mais justa e crente, e possui uma sabedoria peculiar que devemos saber reconhecer com olhar agradecido” (PAPA FRANCISCO, 2013, p.47).

É nítido que a religiosidade propagada e piamente usada pelo povo simples, e que contém traços de uma relação profunda de sua fé com Deus, não é uma mera invenção e sim um legado que se propagou ao longo do tempo. É um culto simples, mas assumido e celebrado em aliança com Deus. Ao pé da cama, rezam: Com Deus me deito, com Deus eu me levanto, com a graça de Deus e do Espírito Santo. (Oração do Devocionário popular).

A religiosidade é manifestação de fé e propagação do itinerário humano, que busca na simplicidade da vida, no jeito humilde, ter confiança em Deus e continuar propagando suas orações, rezando e confiando que um dia encontrará neste Deus o repouso e a paz eterna. Talvez, sem conhecer a Agostinho, o povo tenha a convicção que fomos feitos para Deus e só descansaremos quando nos voltarmos para ele.

A piedade do povo vai em duas direções: a Deus e ao próximo, pois além da prática das orações e de outros rituais de forma laica, o povo mantém a solidariedade e o cuidado para com os outros, pastoreando-se a si mesmo.

Dessa forma, mantém sua autonomia em relação à religião institucionalizada, mas estabelece relações de respeito e fraternidade com seus membros. Como nos ensina Rodrigues (1980):

Um catolicismo das devoções populares mantinha uma relativa autonomia com respeito ao catolicismo institucional. Não havia uma oposição aos padres, e quando estes apareciam - por

ocasião das desobrigas ou missões populares - eram acolhidos e festejados. Mas a dinâmica dessa religiosidade 'dispensava' a presença dos representantes oficiais da igreja, gozando, assim, de ampla liberdade. Como mostrou Carlos Brandão, em determinadas ocasiões o povo 'ocupava o padre' para certas bênçãos ou rituais de passagem, mas o resto da vida de fé ficava mesmo por conta dos 'recursos miúdos dos objetos simbólicos da fé' dos agentes religiosos populares (RODRIGUES: 1980, pp.125-126)

Enfim, não se pode descartar a fé desta gente que acredita e sonha com uma realidade menos árdua, e mais fácil, porém quando não se encontra jeito, a única saída é rezar, e só a reza vale? Não o grande "x" é a fé, as benzedeadas ao começar uma oração, pedem com insistência: acredite que você irá melhorá! É com essa expressão que as orações, as ladainhas e os pregões impulsionam na fé, e no dia a dia do povo, que leva com Deus e deita com Deus, e não falha em cada momento se benzer e dizer valhei-me Senhor Deus! Embarquemos nesta peregrinação, seguiremos um caminho feito com e pela fé e devoção.

E faço aqui uma ênfase para homenagear Benedita, uma velha mulher contadora de causos, genuinamente brasileira, que carrega uma gigantesca trouxa de roupas, tramas e personagens. Uma mulher- mito, contadora de histórias, lavadeira-curandeira-bruxa-feiticeira, em seu limite da vida. Com uma declarada relação com o misticismo e com o indizível ela perpassa o curandeirismo e a espiritualidade. Benedita tece destinos através dos casos que conta.

Aqui! Um adendo ao Bruno de Sousa que me fez perceber através de outro olhar a manifestação cultural do povo simples, ele que atua em cartaz com Benedita, e com sua trouxa revela a seus espectadores um novo artista que ensina e que propaga uma vasta cultura esquecida, um muito obrigado.

1. A ARTE DE VERSEJAR NO DEVOCIONÁRIO CATÓLICO POPULAR

O catolicismo popular se desenvolve a partir da religiosidade onde o clero não marcou presença, sendo anterior à presença do catolicismo oficial, representado pelo clero. Trata-se de um conjunto de crenças e rituais comuns a um povo piedoso, que venera a Deus de forma sincrética, mantendo uma tradição de fé como parte de sua cultura, visão de mundo ou mentalidade geral.

O catolicismo popular é fruto de um espírito ou de uma mentalidade devocional do povo, revela o caráter da religião popular e visa oferecer fé e cultura através da tradição religiosa. Os santos de devoção são homens comuns com qualidades e defeitos, porém suas virtudes podem elucidar o povo.

Aqui falamos de Padre Cícero (CE), Antônio Conselheiro (CE), Frei Damião (Itália-Recife), ou até mesmo das maiores manifestações religiosas que acontecem no Santuário de Nossa Senhora de Nazaré (Belém- PA) e em Bom Jesus da Lapa (BA).

São figuras muito conhecidas e de presença marcante na sociedade, tornam-se ícones que são aclamados pela fé popular e por sua ousadia em defender o povo oprimido. Padre Cícero e Antônio Conselheiro, por exemplo, foram homens que deixaram suas marcas na História e na Cultura, e mesmo distante cronologicamente, tornam-se próximos devido ao seu carisma, à sua ousadia e ao seu espírito de luta em defesa do povo pobre e simples do sertão nordestino.



Figura: 13 - Padre Cícero
Conselheiro



Figura:14 - Antônio

Padre Cícero Romão Batista nasceu na cidade do Crato, Estado do Ceará, em vinte e quatro de março de mil oitocentos e quarenta e quatro. Desde muito cedo o menino Cícero demonstrou inclinação para a vida sacerdotal. Por essa razão era comum

encontrá-lo mergulhado em orações na igreja e a ajudar o vigário nos afazeres paroquiais.

Ingressou no Seminário, vindo a ordenar-se padre. Homem de profunda espiritualidade, logo ganhou a fama de milagreiro pelo povo. Foi suspenso da ordem, porém sua fama se espalhou e ele ganhou as graças do povo sofrido, que via no “padinhopade Cícero”, como era comumente conhecido, um homem santo em vida, e após sua morte a sua lembrança continua a cada dia santo e cada santo dia, levando homens e mulheres à Cidade do Crato para fazerem e pagarem promessas a este homem que foi do povo e para o povo. Ênio Brito, afirma:

Diante de uma sociedade que não garante a vida, a ação do Padre Cícero gerava vida e resgatava Deus para o povo. Hoje, o peregrino que vem a Juazeiro se sente um eleito, a peregrinação possibilita a ele reafirmar sua identidade. (BRITO,2000, p.167).

Outra figura é Antônio Vicente Mendes Maciel, conhecido popularmente como Antônio Conselheiro, que foi um beato, líder religioso e de um dos primeiros movimentos sociais no Brasil. Nasceu em Quixeramobim (CE), em treze de março de mil oitocentos e trinta e faleceu em Canudos (BA) em vinte dois de setembro de mil oitocentos e noventa e sete.

Considerado um fora da lei pelas autoridades, Antônio peregrinava pelo sertão do Nordeste marcado pela seca, fome e miséria. Esse “religioso” levava mensagens de teor piedoso e escatológico e dava conselhos para a população carente. Conseguiu uma grande quantidade de seguidores, sendo que muitos o consideravam santo. Muitos de seus seguidores chegaram a afirmar que o beato tinha a capacidade de fazer milagres.

Antônio Conselheiro viu-se rejeitado e perseguido pela Igreja institucional e pelo Estado. A igreja recusa sua profecia e sua pregação que, segundo ela, afetava a ortodoxia e a pureza da doutrina. O Estado, por sua vez, o condenava em seu projeto sociopolítico, como um foco de agitação que subvertia a suposta calma da ordem pública, onde uma República foi proclamada pelo Exército, sem a participação popular, enquanto Conselheiro era defensor da Monarquia.

Antônio Conselheiro

Cada um na vida tem
O direito de julgar
Como tenho o meu também
Com razão quero falar
Nestes meus versos singelos
Mas de sentimentos belos
Sobre um grande brasileiro
Cearense meu conterrâneo,
Líder sensato espontâneo,
Nosso Antônio Conselheiro.
Este cearense nasceu
Lá em Quixeramobim,
Se eu sei como ele viveu
Sei como foi o seu fim,
Quando em Canudos chegou
Com amor organizou
Um ambiente comum
Sem enredos nem engodos,
Ali era um por todos
E eram todos por um.
(PATATIVA DO ASSARÉ).³

Papa Francisco, na sua Encíclica *Evangelii Gaudium* para os fiéis católicos, ressalva que a cultura é uma junção de múltiplas manifestações e não podemos de forma alguma isolar seus elementos constitutivos. Por outro lado, em relação às manifestações da religião popular como parte da cultura de um povo, devemos ter uma visão plural e respeitar a diversidade cultural e de carismas. Ensina-nos Papa Francisco:

O Espírito Santo constrói a comunhão e a harmonia do povo de Deus. Ele mesmo é a harmonia, tal como é o vínculo de amor entre o Pai e o Filho. É ele que suscita uma abundante e diversificada riqueza de dons e, ao mesmo tempo, constrói uma unidade que nunca é uniformidade, mas multiforme harmonia que atrai. A evangelização reconhece com alegria as múltiplas riquezas que o Espírito gera na Igreja. Não faria justiça à lógica da encarnação pensar um cristianismo monocultural e monocórdico. A mensagem que anunciamos sempre apresenta alguma roupagem cultural, mas às vezes, na Igreja, caímos na vaidosa sacralização da própria cultura, o que pode mostrar mais fanatismo do que autêntico ardor evangelizador. (PAPA FRANCISCO, 2013, p.73).

2. DO POBRE PARA O POBRE

³ Excerto extraído da obra *Cordéis Patativa do Assaré* (1999, p. 15).

“A melhor forma de falar de Deus é por meio da poesia”.

(Gustavo Gutiérrez)

Se estabelecermos uma comparação entre a obra de Patativa do Assaré, a literatura de folhetos nordestinos e a religiosidade popular, será possível observar uma relação mútua entre elas. Patativa produz uma voz profética, sendo um verdadeiro anunciador da boa-notícia aos pobres e oprimidos do sertão nordestino: sua poesia é a respeito do pobre, para o pobre e do pobre.

Sua forma de escrita não é simplesmente para chegar ao povo simples, ele escreve devido à sua *cultura criadora*, compõe e escreve para o seu povo na linguagem que aprendeu em seu ambiente cultural. Alfredo Bosi descreve dessa forma os tipos de cultura no Brasil:

Se pelo termo *cultura* entendemos uma herança de valores e objetos compartilhada por um grupo humano relativamente coeso, poderíamos falar em uma cultura erudita brasileira, centralizada no sistema educacional (e principalmente nas universidades), e uma *cultura popular*, basicamente iletrada, que corresponde aos mores materiais e simbólicos do homem rústico, sertanejo ou interiorano, e do homem pobre suburbano... A essas duas faixas extremas bem marcadas poderíamos acrescentar... a cultura *criadora* individualizada de escritores, compositores, artistas plásticos, dramaturgos, cineastas, enfim, intelectuais que não vivem dentro da Universidade, e que... formariam... um sistema cultural *alto*... Enfim, a *cultura de massas*, que, pela sua íntima imbricação com os sistemas de produção e mercado de bens de consumo, acabou sendo chamada pelos intérpretes da Escola de Frankfurt, *indústria cultural*, *cultura de consumo*. (BOSI, 1992, p. 309).

Na forma poética, Patativa abrange a questão da religião através dos símbolos populares. Ele enfatiza que o sertanejo é homem de poucas palavras, mas que sente o mundo como um pedacinho seu. Sua fé é em um Deus forte. A virgem Maria é sua companheira inseparável e os homens santos o colocam perto de Deus. A fé para o nordestino é a chama que o mantém vivo, e mesmo diante das dificuldades, acreditar é afirmar-se como vivente.

Patativa ressalta em seus poemas as injustiças sociais e econômicas feitas aos pobres nordestinos, e ele afirma que isso não é consequência do juízo de Deus, que os estaria a castigar, mas sim que é o próprio homem quem submete seu semelhante a tais condições de sofrimento e dor. Assaré grita contra toda forma de exploração e maldade contra o homem e relembra a seu modo o mandamento fundamental enunciado por

Cristo: “Amarás ao Senhor teu Deus de todo o teu coração, e de toda a tua alma, e de todo o teu entendimento, e de todas as tuas forças. Amarás o teu próximo como a ti mesmo”. (Mc 12.30-31).

A estratificação social coloca uma minoria de homens em patamares elevados de tal forma que uns são “donos” dos outros, mas na perspectiva da religiosidade popular o homem só deve ser julgado pelo seu Senhor e Deus, Cristo Jesus. A imagem de Deus é constante na vida do sertanejo e no seu cotidiano. Trata-se de um Deus que está do seu lado, pois preferiu os fracos, as viúvas, e o povo que labuta por sua sobrevivência.

A poética de Patativa do Assaré é messiânica e futurista, ele prevê dias e condições melhores ao seu povo. Não se esquece de onde veio e não sabe para onde vai, porém sempre levanta a sua voz, esbraveja por dias melhores no sertão árido e sofrido, onde a própria natureza geme e clama por Deus, como disse o profeta Joel.⁴

Assaré tem em Deus o Senhor da Providência, que nunca se esquecerá de nenhum de seus filhos. Neste trecho de *Caboclo Roceiro* Patativa descreve a vida do sertanejo que planta e confia em Deus para ter uma boa colheita.

Caboclo Roceiro, das plaga do Norte
Que vive sem sorte, sem terra e sem lar,
A tua desdita é tristonho que canto,
Se escuto o meu pranto me ponho a chorar
Ninguém te oferece um feliz lenitivo
És rude e cativo, não tens liberdade.
A roça é teu mundo e também tua escola.
Teu braço é a mola que move a cidade
De noite tu vives na tua palhoça
De dia na roça de enxada na mão
Julgando que Deus é um pai vingativo,
Não vês o motivo da tua opressão
Tu és nesta vida o fiel penitente
Um pobre inocente no banco do réu.
Caboclo não guarda contigo esta crença
A tua sentença não parte do céu.
O mestre divino que é sábio profundo
Não faz neste mundo teu fardo infeliz

⁴ Joel (1.17-18) diz: “A ti, ó Senhor, clamo, porque o fogo consumiu os pastos do deserto, e a chama abrasou todas as árvores do campo. Todos os animais do campo bramam suspirantes por ti; porque os rios se secaram, e o fogo devorou os pastos do deserto”.

As tuas desgraças com tua desordem
Não nascem das ordens do eterno juiz
(Patativa do Assaré)⁵

Nesta viagem com Patativa do Assaré é demonstrada sua criatividade na relação de folhetos nordestinos e religiosidade. Vê-se que o agricultor pobre, que passou por grandes agruras e desgostos profundos, fez do seu aprendizado com o sertão e a enxada uma escola. E sua relação com a poesia, a mestra das mestras, o fez cantar a dor e a esperança de redenção desse povo oprimido por um sistema cruel e insensível.

3.A LITERATURA DE FOLHETOS E A RELIGIOSIDADE

A literatura popular nordestina e nacional é marcada pela oralidade que a torna original. É nos improvisos e versificações que a linguagem se produz, e quando valoriza em seu conteúdo a religião do povo simples e ao mesmo tempo matuto é que se torna capaz de narrar a história e a cultura de um povo de forma completa, buscando a sua conscientização e a sua libertação com a força e a suavidade da poesia e com a inspiração de sua irmã gêmea, a música.

A poesia é uma militante do sofrer e pensar e reflete o clamar do povo pela misericórdia de um Deus que não abandona nenhum de seus filhos. Ela estabelece uma teia de genuinidade para aqueles que, com tamanha luta, sofrimento, dor e lamento, descobrem na poesia dos folhetos como se comunicar com o povo e com Deus.

Na contemplação e no entusiasmo diante da linguagem e do poder da expressão, esses poetas, como Patativa do Assaré, articularam um jeito de se comunicar. Esses homens rudes expressam de diversas formas, por meio da poesia, sua capacidade de perceber a beleza na diversidade da realidade. Abordam os conflitos pessoais, a vida em sociedade, os problemas de ordem social, política e econômica. Tratam a religião, o transcendental, de forma especial. Assim ajudam o povo a se esclarecer e a fazer sua jornada com fé e perseverança, sempre utilizando a linguagem simples, do povo simples e para o povo simples.

A oralidade é cristalizada na vida do poeta e na memória de sua gente, pois para esta a poesia é para ser dita e ouvida, sendo voz e marca preponderante de toda a sua

⁵ Excerto extraído da obra *Cordéis Patativa do Assaré* (1999, p. 35).

vida. Atribuem a Deus e à natureza todo o aprendizado que Patativa e outros repentistas transferem de forma simples, pois creem que aquilo que eles aprendem, escrevem e cantam é dom de Deus e da natureza. Cabe a eles, pois, transmití-lo a todos os demais.

Eu nasci ouvindo os cantos
Das aves de minha serra
E vendo os belos encantos
Que a mata bonita encerra
Foi ali que eu fui crescendo
Fui vendo fui aprendendo
No livro da natureza
Onde Deus é mais visível
O coração mais sensível
E a vida tem mais pureza.
Sem poder fazer escolhas
De livro artificial
Estudei nas lindas folhas
Do meu livro natural
E, assim longe da cidade
Lendo nessa faculdade
Que tem todos os sinais
Com esses estudos meus
Aprendi amar a Deus
Na vida dos animais.
Quando canta o sabiá
Sem nunca ter tido estudo
Eu vejo que Deus está
Por dentro daquilo tudo
Aquele pássaro amado
No seu gorjeio sagrado
Nunca uma nota falhou
Na sua canção amena
Só canta o que Deus ordena
Só diz o que Deus mandou.

(PATATIVA DO ASSARÉ)⁶

⁶Poema sem título encontrado na obra de Assaré. *Digo e não peço segredo.*



Figura 15 - Retirante (1986) - José Lourenço Gonzaga

CONCLUSÃO

É de suma importância, desmitificar a equivocada relação que fazem das benzedeiras e rezadeiras, com uma religiosidade aquém, do vasto patrimônio religioso brasileiro.

O fio condutor do artigo é lança um olhar a luz dos folhetos nordestinos, para o ponto chave a religiosidade popular do Nordeste. Outro traço que se nota no trabalho é a profunda relação da cultura simples, rústica com a comunicação (comunic-ação), ação de fazer valer a presença de mulheres e homens que rezam, benzem e profetizam, pela fé.

Fé, está, onde as benzedeiras, depositam no transcendente suas esperanças, por sua vez, os repentistas propagam: fatos e manifestações, esquecidas ou quiçá lembradas em algum momento da história brasileira como fonte de inculturação.

O objetivo foi demonstrar de forma bem clara e distinta a cultura da religiosidade nordestina e de todas as localidades brasileiras que rezam, benzem e repetem contos, hoje um pouco desconhecida aos nossos olhos, e que pode se perder no tempo e espaço, porém rica de criatividade e originalmente brasileira.

A literatura de folhetos nordestinos se até aos detalhes e resga, âmbitos um pouco esquecidos, até mesmo menosprezados. Somos levados a acreditar que, por ilustríssimos autores tais como: Patativa do Assaré, Ariano Suassuna, Câmara Cascudo e outros, que a literatura de folhetos nordestinos surge das nossas raízes e é produto de nossa criatividade, e busca valorizar traços da originalidade.

E que por sua vez a literatura de folhetos deve ser ensinada e valorizada; a educação é transmissão e devemos repassá-la para filhos, netos e bisnetos; devemos propagar nos quatro cantos que temos algo que é produto de nossa riqueza cultural e literária.

Que somos brasileiros e produtores de uma grande e vasta cultura literal, religiosa e musical e que a apresentação de nossa nacionalidade não seja motivo de nos envergonharmos, mas de nos envaidecermos de algo nosso. Tal e qual a Literatura de folhetos nordestinos.

REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ASSARÉ, Patativa do. Inspiração Nordestina: Cantos de Patativa. Hedra, 2003.
- ASSARÉ, Patativa do. Cordéis do Patativa do Assaré. Fortaleza. UFC (coleção nordestina), 1999.
- ANDRADE, Cláudio Henrique Sales. Patativa do Assaré: as razões da emoção (capítulos de uma poética sertaneja). São Paulo, Nankim, 2003.
- BÍBLIA. Português. A Bíblia de Jerusalém. Nova edição rev. e ampl. São Paulo: Paulus, 1985.
- BOSI, Alfredo. Dialética da colonização. São Paulo. Companhia das Letras. 1992.
- BOSI, Alfredo, org. Conto brasileiro contemporâneo. São Paulo: Cultrix, 1981.
- CASCUDO, Luís de C. Dicionário do Folclore Brasileiro.
- DERPOEL, Francisco Van. Religiosidade Popular: O exemplo da milenar oração para curar a erisipela. In. Artigo Marco- Abril, 2013. Disponível em: vidapastoral.com.br
- FRANCISCO,Papa. EvangeliiGaudium. Exortação Apostólica. São Paulo: Paulus, 2013.
- GUTIÉRREZ, Gustavo. Teologia da Libertação. Petrópolis: Vozes, 1975.
- SHOKEL, Alonso; J.L., Sicre Diaz. Profetas I: Isaías, Jeremias. São Paulo: Paulus, 1988.